

Considerações Sumárias Sobre os Conceitos de Experiência e Pensamento Reflexivo na Filosofia de Dewey

George Browne Rêgo

Muitas das formulações e idéias desenvolvidas pelo filósofo John Dewey têm sido analisadas com rigor, sempre que se busca compreender e interpretar a obra desse grande pensador norte-americano. Todavia, nenhuma delas tem maior significação para o entendimento do seu sistema filosófico do que os conceitos de experiência e pensamento reflexivo. Nascido no início da segunda metade do século XIX, sua presença é assinalada como nova força filosófica, no começo do século XX, ao tornar-se o principal fundador da "Escola de Chicago", em 1903, quando em colaboração com outros autores edita *Os estudos de teoria lógica*. A partir dessa obra, seu pensamento que já havia adquirido singularidade dentro da filosofia mundial, segue uma marcha ascendente e alcança seu ponto culminante em 1938, ao publicar, aos 79 anos, a *Lógica. The Theory of Inquiry*. É nessa obra filosófica, considerada a mais alta contribuição americana à filosofia, que Dewey, desafiadoramente, afirma ser a lógica, na época em que editara o seu livro, o campo mais atrasado de toda filosofia. E isso tanto é mais grave quando se sabe - pensava ele - ser a lógica do sistema científico, que é talvez a mais original de todas, um estudo dos fatores metodológicos e sua reelaboração, sem os quais não se poderia construir as matemáticas, as ciências da natureza, as ciências humanas, tampouco a filosofia do conhecimento representadas pela gnoseologia e a epistemologia.

Experiência - O conceito de experiência é de importância fundamental na filosofia de Dewey. É um substrato do qual a sua filosofia opera; é o ponto a partir do qual se estabelecem todos os problemas humanos e se analisam suas respectivas soluções. Não se relacionam apenas com a natureza, mas também com o próprio mecanismo, mediante o qual a natureza se manifesta:

It is double barrelled in that it recognizes in its primary integrity no division between act and material subject and object, but contain them both in an analyzed totality¹.

Por outras palavras, a natureza se traduz para os seres humanos como natureza experienciada. Uma vez que o homem é um ser natural, o problema reside em ele compreender a natureza; e o modo como ele pode compreendê-la é por intermédio de suas experiências: experiências individuais que são sempre ligadas direta ou indiretamente ao mundo externo e objetivo.

Mas o fato de todas as experiências serem naturais, não implica que todas elas sejam humanas. As experiências atravessam todas as intersecções do mundo - de ordem física, humana e biológica. No campo físico, as coisas inanimadas parecem indiferentes aos seus próprios efeitos físicos ou mecânicos. A combinação hidrogênio-oxigênio, em certa percentagem, opera, quimicamente, a transformação dos dois elementos em água. Nessa combinação, não se verificam movimentos deliberados por parte desses elementos para ficarem ou permanecerem nessa combinação. O grau de interação e permanência independe de quaisquer esforços dos elementos em pauta. Os organismos vivos atuam de modo diverso. Suas experiências incorporam algumas características adicionais. Há neles um esforço visando à homeostase, ou seja uma

¹ John Dewey. *Experience and Nature*. Chicago: Open Court Publishing Co., 1925, p.8.

adaptação e preservação de seu meio interno. Lutam pela sobrevivência, restauração, satisfação e estabilidade de sua estrutura orgânica.

Os seres humanos são ainda mais complexos, por viverem em ambiente tanto da natureza quanto da cultura. Embora a base do comportamento seja orgânica é esta, em larga medida, influenciada pelo ambiente cultural. Com efeito, é a passagem do orgânico ao âmbito da cultura o que possibilita o comportamento intelectual.

A concepção naturalista da experiência professada por Dewey constitui uma rejeição de qualquer puro intelectualismo ou empiricismo. A razão, para ele, não tem nenhum poder *a priori* em separado ou independente da natureza. Nem as coisas possuem qualidades externas que sejam primárias ou secundárias, conforme lhe atribui o empirismo clássico. Até mesmo as qualidades chamadas, por George Santayana, de *terciárias*, como por exemplo, “belo” e “feio”, são essencialmente objetivas. A análise da concepção da experiência conduz a que lhe considere como um termo funcional e não um termo ontológico. Daí o dever-se entendê-lo de modo dinâmico, ou seja, em termos de ação e movimento, mas ação e movimento norteados por operações cognitivas. Embora as cognições humanas atribuam significação às experiências, essa atribuição é orgânica e real, como quaisquer outras que se encontrem na experiência.

Assim, as idéias de experiência e reflexão intelectual em Dewey afastam-se, consideravelmente, das conotações filosóficas tradicionais para se transformarem nas ferramentas básicas, responsáveis pela construção do novo edifício filosófico, segundo a imagem desenhada pelo pensamento de Dewey. Tais conceitos, diga-se preliminarmente, são instrumentos gerados pelo intelecto para a resolução de problemas práticos. Porque tais instrumentos são da maior importância para compreensão da filosofia de Dewey, é que o

seu entendimento reveste-se de uma crescente complexidade, e por isso demanda rigorosa análise de todos os fatores implícitos em sua estrutura conceitual. Implícita ou explicitamente, experiência e pensamento reflexivo estão inseridos na discussão de todos os temas e problemas que se inscrevem no universo filosófico desse pensador. Para aqueles que anseiam penetrar na densidade e, até mesmo, nos aspectos mais obscuros de sua teoria, estes dois conceitos são como faróis sinalizadores dos pontos focais, decisivos, à compreensão de seu sistema de pensamento. Embora esses dois conceitos guardem entre si relações e integrações bastante significativas (aliás, não há na filosofia de Dewey dualismos ou descontinuidades que estratifiquem conceitos, promovam cisões entre sujeito x objeto, separem homem x natureza. A filosofia Deweyana é um tipo de pan-naturalismo, análogo sob muitos aspectos, ao pan-logicismo hegeliano). Experiência e pensamento reflexivo serão, para efeito de uma melhor compreensão, aqui analisadas separadamente, embora não haja, na filosofia Deweyana, nenhuma instância divisória para cognição como alguma coisa fixa, contrastando com as contingências do mundo exterior. Ordem e recorrência, prazer e desprazer, são traços da experiência que, para Dewey, pertencem à natureza. E o conhecimento humano, desde suas estruturas mais incipientes até suas formas mais críticas e sofisticadas, é uma contínua tentativa em direção ao rompimento das hostilidades da natureza, tornando as experiências humanas mais estáveis e mais seguras.

Dewey distingue dois níveis de experiências humanas: a experiência *primária* e a experiência *reflexiva*. A primeira é o resultado de acontecimentos incidentais, com resíduos mínimos de pensamento. Muitas ocorrências e rotinas da vida cotidiana, se incluem nesta categoria. Embora pertinentes, elas não envolvem pensamento, são ricas em afeições e volições. O segundo nível de

experiência resulta de um exame cuidadoso das operações, das forças encontradas numa determinada situação. Essas forças refreiam seus atos impulsivos e tentam manter o mínimo de risco possível. Elas são experiências refletidas, mas a reflexão encontra respaldo existencial nas experiências primárias das quais derivam. A reflexão vem à superfície em virtude dos elementos de dúvida e conflito que criam situações problemáticas e sugerem a urgência de uma melhor organização. Assim, a reflexão é tanto um produto como um instrumento para a resolução dos distúrbios e das ambigüidades da experiência.

A teoria de Dewey, nessas circunstâncias, difere das outras por tratar o processo de pensar na sua relação com a experiência. Eles são interdependentes. Não há nenhum abismo entre conceber e perceber a experiência. A distinção entre elas pode ser considerada com base e dentro da totalidade do processo de investigação. Esse processo tem sua origem nos dados dos sentidos.

From the experimental point of view, the art of knowing demands skills in selecting appropriate sense data on one side and connecting principles or conceptual theories, on the other. It requires a developed and constantly progressive technique to settle upon both observational data and the ideas that assist inquiry in reaching a conclusion in a particular case.²

Esta conexão entre o racional e o sensível, o intelectual e o funcional é uma característica distintiva da teoria lógica de Dewey. Concepções não são formas preexistentes que moldem os dados dos sentidos (como por exemplo, em Kant), mas o "dado" ele próprio é

² John Dewey. *The quest for Certainty: A Study of the Relation of Knowledge and Action* (New York: Minton Balk and Company, 1939), p. 172.

um estágio ainda não desenvolvido da cognição. Uma nuvem, por exemplo, motiva a imaginação poética, como quando Shakespeare estabelece comparações entre nuvens e formas de animais; contudo, para o meteorologista, a cor da nuvem pode sugerir que vai chover e que, portanto, um guarda-chuva é aconselhável. A inferência de uma coisa a outra, não deriva da mente para o mundo. Pensar não é o resultado de uma “combustão espontânea”, mas experiências reais, uma vez percebidas, provocam e ocasionam pensamentos. Quanto mais complexa for a experiência, mais ricas e procriadoras são as sugestões. A correlação funcional entre percepção e concepção no âmbito da experiência é assim explicada por Dewey:

*In logical fact perceptual and conceptual materials are instituted in functional correlativity with each other, in such a manner that the former locates and describes the problem while the latter represents a possible method of solution. Both are determinations in and by inquiry of the original problematic situation whose pervasive quality controls their institution and their contents. Both are finally checked by their capacity to work together to introduce a resolved unified situation.*³

Pensamento reflexivo – A citação acima ilustra a contínua tentativa de Dewey de explicar a indissolúvel relação entre lógica e ação, pensamento e comportamento. Pensar acontece no contexto existencial e é caracterizado como uma resposta a condições externas, impostas pela situação. A resposta pode variar em duração e propósito: ela pode ser uma reação externa, imposta às condições do meio ambiente, provocado por um impulso cego, visando a uma satisfação imediata; ou pode ser uma resposta indireta cujo objetivo é

³ John Dewey. *Logic Theory of Inquiry*. New York: Henry Holt and Company, 1938, p. 111.

– através do controle inteligente da situação – identificar seus constituintes e antecipar maneiras de agir.

Esta última forma de pensamento é o que Dewey chama pensamento reflexivo. Essa expressão “pensamento reflexivo” que é constantemente usada por Dewey, tem alguns equivalentes linguísticos, tais como *lógica, reflexão lógica, investigação lógica* ou *reflexiva, pensar, pensamento*, etc. O que substancialmente caracteriza o significado dessa concepção é o seu caráter dinâmico, como um processo natural. Conhecimento, para Dewey, é o resultado de um processo de inquirição ou de pensar reflexionante. O processo, ele próprio, é o que Dewey chama de lógica. Por conseguinte, lógica é o processo de pensar reflexionante, enquanto conhecimento é o seu resultado ou produto.

Através de uma breve análise da evolução do pensamento até atingir-se o estágio do pensamento reflexivo. Como um dos temas deste ensaio, o estudo conduz a algumas considerações a seguir enunciadas.

Teorias lógicas tradicionais lidam com o pensamento através de formas abstratas. A autoconsistência entre premissas é sua principal preocupação. Enquanto pensamento formal, a lógica é insensível à mudança. Ela é substantiva, final e definitiva. Difere, portanto, das formas de pensamento aqui apresentadas, as quais dirigem-se à experiência em seu caráter processual e contextual, enquanto guarda uma estreita relação com as coisas, elas mesmas. De acordo com Dewey, o pensamento formal, tem seu valor apenas como pensamento real, consiste em sua natureza como um processo. A aquisição do conhecimento é uma matéria de pensamento processual; mas quando o problema é testar o valor de uma experiência de pensamento, faz-se necessário reverter às formas ou produtos lógicos. Dewey clarifica analogicamente esta distinção quando afirma:

Consider, as an analogy, the relation that a map sustains to the explorations and surveys of which it is an outcome. The latter correspond to processes. The map is the product. After it is constructed, it can be used without any reference to the journeys and expeditions of which it is the fruit, although it would not exist if it had not been for them.⁴

Desta maneira, lógica, no sentido Deweyniano, inclui tanto o processo como o produto, e assim difere das concepções tradicionais. Donald Piatt⁵ observou que Dewey difere da maioria dos filósofos mais do que eles diferem entre eles próprios, pelo fato dele ter desafiado as premissas dualísticas comuns àqueles pensadores. Além do mais, sua concepção de continuidade, articulando num todo unitário, formas não-orgânicas e orgânicas de interação, faz de sua lógica uma teoria genuína. Os objetos das teorias lógicas precedentes são puras possibilidades ou puras estruturas racionais, ou ainda, as últimas relações que ordenam a natureza. Em contrapartida, Dewey opta por condições hipotéticas como um substituto, à rigidez estrutural da lógica clássica. Tais condições atuam como processos inferenciais, como indicações de posições a ser desenvolvida. Elas são, portanto, dinâmicas e funcionais. Como hipótese, a matéria da lógica deve ser a “vera causa”, isto é, deve ter um certo nível de verificabilidade existencial; ademais, a lógica hipotética deve ordenar e dar conta dos objetos na sua manifestação imediata. Finalmente, ela deve explicar casos negativos e excepcionalidades, que nasçam ou brotem de teorias opostas. Portanto, para Dewey, a lógica se desenvolve dentro das operações da investigação. Ela é concernente com a forma de controle ordenado para atingir aquilo a

⁴ John Dewey. *How We Think*. Chicago: Henry Regnary Co., 1933, p.73.

⁵ Donald A. Piatt “Dewey’s Logical Theory”, in *The Philosophy of John Dewey*, ed. By Paul Schilpp (Chicago: Northwestern University Press, 1938).

que ele chama asserção (*Warranted Assertion*). Dewey assim classifica as implicações de sua teoria lógica:

This conception implies much more than that logical forms are disclosed or come to light when we reflect upon processes of inquiry that are in use. Of course it means that, but it also means that the forms originate in operations of inquiry. To employ a convenient expression it means that while inquiry into inquiry is the causa cognoscendi of logical forms, primary inquiry is itself causa essendi of the forms which inquiry into inquiry discloses.⁶

A lógica de Dewey é “metodológica” no sentido de que é um método experimental de ciência. Sob esse aspecto ela é diferente dos tratados formais de lógica, os quais concernem, principalmente a criteriologia, como os neo-escolásticos costumavam usá-la. Racionalidade, para Dewey expressa conexões que articulam meios e conseqüências. Os critérios lógicos são criados e criticados no curso e no próprio interior do processo investigatório, ou seja, dentro de um processo de investigação empírica, mas o princípio empírico, ele mesmo, também tem raízes racionais, as quais transformam as ações humanas em símbolos significantes, tornando o comportamento social possível. Para Dewey, como para George Mead, a consciência humana é o resultado da comunicação e não o contrário. A linguagem é comunicação entre o natural e o cultural, o que dá à inteligência o caráter social do comportamento humano. Como Dewey ressalta, a importância da linguagem reside no fato de que:

⁶ John Dewey. *Logic: Theory of Inquiry*, p. 18.

... on one side it is strictly biological mode of behavior, emerging in natural continuity from earlier organic activities, while on the other hand, it compels one individual to take the standpoint of other individuals and to see and inquire from a standpoint that is more strictly personal but is common to them as participants as 'parties' in a conjoint undertaking.⁷

Segundo, todo pensamento encontra seus fundamentos no senso comum. Não há um abismo entre senso comum e investigação científica. Ambos crescem a partir das bases naturais, e enquanto o senso comum é diretamente relacionado aos usos práticos, ao caráter agradável, o pensamento científico reage sobre eles de um modo que "refina" enormemente, expande-se e libera conteúdos e os agencia, pondo-os à disposição do senso comum.

in a way that enormously refines, expands and liberates the contents and the agencies at the disposal of the common sense⁸.

Mas, uma vez que o conteúdo científico é entendido com base em suas próprias condições gerativas, não mais pode ser posto como separado do senso comum. Suas raízes deitam-se ali, enquanto seus refinamentos metodológicos e sistemáticos, operam naquelas raízes. Nessas circunstâncias as operações metodológicas aplicam-se aos diferentes estágios da evolução da cultura humana, não havendo, entre eles, nenhuma descontinuidade. Como assinala Dewey.

The more the meaning of the experimental method is perceiving the more our trying out of certain ways of treating the material resources and obstacles which

⁷ Ibid. p. 46

⁸ Ibid. p. 66

confront us embodies a prior use of intelligence. What we call magic was with respect to many things the experimental method of the savage;⁹

A discussão acima analisou o pensamento como relação ou, em outras palavras, como uma interação. O pensamento é afetado pelas coisas do mundo e, em contrapartida, tais coisas, também, são afetadas pelo pensamento. Assim, não há lugar para distinções radicais entre os elementos subjetivos e objetivos nas situações reais. Os conteúdos do pensamento são partes de um mesmo contexto, dentro do qual o conhecimento é possível. Ademais, pensar supõe um liame entre as coisas que estão presentes e as coisas que são sugeridas, de sorte que a garantia contida numa sugestão depende da sua evidência, que há de encontrar seu fundamento nas coisas que estão presentes. Dewey descreve sistemática e especificamente o processo do pensamento em seus sucessivos estágios e desenvolvimentos, como se seguem: primeiro, o pensamento tem sua origem em alguma perplexidade. A mente inclina-se para alguma coisa que suscita dúvida, que é enigmático. Obscura e inexplicável, como a situação aparece à primeira vista, ela sugere uma resposta que deve ser imaginada. É importante observar aqui que o pensamento não começa espontaneamente. É provocado. Há alguma coisa (um problema) que o produz; segundo é necessário alocar ou delinear as dificuldades responsáveis pela obscuridade e perplexidade da situação; portanto, a observação das condições que circundam o problema é requerida; terceiro, os fatos presentes nessas aludidas condições são então examinados; hipóteses são sugeridas e elaboradas, como tentativas de

⁹ John Dewey. Democracy and Education in the World Today. Society of Ethical Culture, Felix Adler Lecture, 1938, p. 394.

respostas para o problema. Nesta altura, a procura por mais fatos é necessária e a observação implementada. O quarto estágio é aquele a que Dewey chama o raciocínio no sentido estrito. Ele implica um exame crítico dos fatos e sua interpretação. Aqui, a mente trabalha em cima das sugestões iniciais, cuidadosamente e bem focalizadas até que uma nova e bem elaborada sugestão resulte em uma nova idéia que irá ser diferente daquela com a qual a mente iniciou o seu trabalho.

*Reasoning has the same effect upon a suggested solution that more intimate and extensive observation has upon the original trouble. Acceptance of a suggestion in its first form is prevented by looking into it more thoroughly. Conjectures that seem more plausible at first sight are often found unfit or even absurd when their full consequences are traced out. Even when reasoning out the bearings of a supposition does not lead to its rejection, it develops the idea into a form in which it is more opposite to the problem.*¹⁰

Uma idéia, por conseguinte, deverá ser desenvolvida em termos de uma “constelação de significados” implicando uma ordem a ser encontrada fora das modificações necessárias as quais são requeridas pela sugestão originária. O quinto estágio do pensamento é a verificação experimental da idéia conjecturada.

Conclusões as quais nascem no curso de uma investigação irão, por conseguinte, ser testadas vis-a-vis à realidade. A relação de meios e conseqüências, hipoteticamente traçadas serão agora submetidas à corte das condições atuais. Neste último estágio, o caráter operacional da investigação é praticamente reconhecido num

¹⁰ John Dewey. *How We Think*, p. 112.

grau em que os fatos e idéias são conectados com o experimento. O sucesso do experimento irá, naturalmente, depender do caráter da situação problemática e da maneira como a investigação será desenvolvida. A investigação conclui com o que é ou não é uma solução para a situação problemática. Visto assim, o problema se apresenta como um desafio ao intelecto. Se a conclusão não é satisfatória, a investigação deve re-arranjar suas etapas ou começar novamente. Quando uma solução satisfatória é alcançada isto não significa que a resposta esteja definitivamente estabelecida. Dewey usa a expressão asserção garantida (*Warranted assertion*) para indicar que não há nenhuma verdade subsistente ou absoluta, mas qualquer conhecimento é um resultado provisional de uma investigação e não o seu término.

Dois aspectos relacionados com estas considerações ainda merecem explicações: primeiro, a divisão acima do processo de pensamento em cinco etapas, não implica uma rígida sucessão de momentos compartimentalizados. Essa divisão tem propósitos meramente descritivos. Na realidade, o pensamento é unitário e esses estágios mesclam-se completamente, formando uma totalidade. Segundo, o pensamento opera em duas direções: indutivamente, a partir de fatos isolados a generalizações; ou dedutivamente, usando significados gerais para testar e confirmar a habilidade de integrar fatos isolados numa experiência unificada. Mas em cada caso, essas direções não são independentes e rígidas, mas se entrelaçam em seus diferentes processos.

A ilustração que se segue ajudará a tornar mais explícito a inter-relação desses dois aspectos do processo do pensamento.

Num dia quente, um homem está trabalhando numa sala de ar condicionado. De súbito, o condicionador de ar pára. Imediatamente, ele chega à conclusão de que o motor do equipamento queimou, uma vez que, há uma semana, ele havia sido

reparado. Fatos anteriores facultam essa inferência ou uma possível explicação para o evento. Nesse meio termo, entretanto, ele verifica que a luz também está apagada. O rádio, que estava tocando, também parou. Tais fatos adicionais o levam a outras conclusões capazes de explicar a falta de energia. Provavelmente um fusível queimado, pensa ele agora. Não seria a razão de todos esses fenômenos um colapso geral da usina geradora de força? Várias vezes tenta comunicar-se com a central telefônica mas esta, sobrecarregada, não atende a seu chamado. Ele está confuso. Hipóteses conflitivas forçam-no a suspender julgamentos e a postergar uma conclusão definitiva. Até esse ponto, a sua mente trabalhou de modo indutivo, em busca de dados observados e oferecendo a partir deles certas sugestões. O processo inverte-se agora. O homem decide a averiguar o estado dos fusíveis e verifica que nada de errado há com eles, descartando, assim, a hipótese de um fusível haver queimado. Aproxima-se então da janela e verifica que não há luzes na vizinhança. Não pode, contudo, confiar nessa observação pois ainda é cedo demais para que se acendam as luzes. Por fim decide novamente telefonar para a companhia distribuidora de força e é desta vez, informado de que efetivamente houve uma suspensão temporária de energia, corroborando assim a última hipótese.

A ilustração, de extrema simplicidade, demonstra não haver uma ordenação rígida no processo do pensamento reflexivo; e que indução e dedução podem intercambiar-se em meio às sugestões e conclusões. Mas desta ilustração surge também um novo e importante aspecto: o processo do pensamento reflexivo não é incompatível com as experiências do cotidiano. Tais experiências são tratadas dentro de um sistema lingüístico comum, do qual compartilham todos os indivíduos pertencentes àquela comunidade cultural, ao passo que na investigação científica exerce-se um maior

grau de sistematização, precisão e controle das condições envolvidas no processo. Além disso, o sistema de símbolos dotados de um puro sentido relacional, libera e amplia os usos e o desfrute imediato oferecido pelo senso comum. Cito Dewey:

*In science, since meanings are determined on the ground of their relation as meanings to one another, relations become the objects of inquiry and qualities are relegated to a secondary status, playing a part only as far as they assist in institution of relations. They are subordinate because they have an instrumental office, instead of being themselves, as in prescientific common sense the matters of final importance.*¹¹

Dewey distingue o pensamento lógico de outras operações mentais denominadas erroneamente de pensamento. Em primeiro lugar, *lembrar* não é pensar. Os devaneios, lembranças que surgem, aleatoriamente, podem ser sequenciadas e prazerosas, mas não são pensamento. Não têm propósito definido nem qualquer problema a resolver, nem necessitam de sistematização nas seqüências dos acontecimentos rememorados. Em segundo lugar, a imaginação tampouco é pensamento, as imaginações são vãos de nossa fantasia. Podem constituir uma idealização da realidade: “Ah se eu fosse diretor desta companhia!”, “se eu fosse milionário compraria esta casa”; inversamente, podem ser de caráter estritamente criativo: a poesia ou as histórias feitas por crianças, ou certos contos de viés romântico, são exemplos de tais tipos de operações da imaginação. A imaginação pode possuir um alto nível de coerência interna. Todavia, isto não basta para caracterizar o pensamento. Para Dewey, o pensamento deve estender-se para além desses limites e considerar

¹¹ John Dewey. *Logic: Theory of Inquiry*, p. 116.

as coisas em termos de suas conseqüências práticas. Por fim, as crenças não constituem tampouco pensamento, embora comumente tender-se-á a confundi-las com o pensamento. Dewey, à semelhança de Peirce, tinha uma interpretação particular das crenças. Para os dois autores, a vida está repleta de verdadeiros embates visando pôr fim a dúvida e alcançar a crença. É fundamental, contudo caracterizar o que vem a ser genuína crença. E o elemento que caracteriza uma crença genuína é a sua capacidade de ser posta em prática, ou seja, o modo em que se pode transformá-la numa conclusão a ser verificada. A crença de Colombo na esfericidade da terra era uma crença genuína, uma vez que ele a podia pôr à prova e verificar sua exatidão. As crenças são de extrema utilidade para a comunidade científica, mas não para o comum dos homens, pois esses tendem a confiar em demasia na tradição e na força da autoridade.

Pode-se, em suma, caracterizar o pensamento reflexivo como uma operação de intelectualização da experiência, sem princípios *a priori* e formulada criticamente ao longo do desenrolar da própria investigação. Os dados observados durante o processo servem tanto para questionar quanto para complementar o conhecimento já adquirido. Portanto, o pensamento reflexivo controla e, ao mesmo tempo, é controlado, pelas condições em que o se processa. Nos termos de Dewey o pensamento é:

*... that operation in which present facts suggest other facts (or truths) in such a way as to induce belief in what is suggested on the ground of real relation in the things themselves, a relations between what suggests and what is suggested.*¹²

¹² John Dewey. How We Think, p. 12.

À luz das considerações sumariamente aduzidas neste breve ensaio, o que se pretendeu foi esboçar um sintético desenho da lógica metodológica de Dewey, apoiado em seus conceitos de experiência e pensamento reflexivo. Consciente da complexidade do tema, mas dentro dos limites que a natureza do trabalho impõe, poder-se-ia à guisa de conclusões chegar às seguintes premissas: a lógica Deweyana representa uma superação das correntes filosóficas do racionalismo e do empirismo. Como em Kant, o conhecimento humano é produto de uma síntese dos elementos racionais e dos elementos sensíveis. Todavia, diferentemente de Kant, a concepção de Dewey não separa o sujeito do objeto. Antes, os integra num todo, numa interação indissociável em que, causas e conseqüências, estão entrelaçadas, sem qualquer dualismo. Pensamento é ato orgânico integrado às demais funções do próprio organismo. Por isso pensar não é simplesmente uma atividade categorial, mas intelectual e psicossomaticamente dinâmica.

Neste sentido, a filosofia de Dewey é realista. Não um realismo clássico, ao modo dos gregos, mas um funcionalismo cuja origem reside no próprio meio ambiente (natureza) do qual o sujeito é parte integrante. Em conseqüência, a lógica Deweyana não se funda em categorias *a priori*, mas é uma lógica de mediação, uma lógica criativa, na medida em que se destina à solução de problemas suscitados em cada situação conflituosa. Portanto, é uma lógica da criatividade. É quase como se fora uma arte, a arte de integrar conteúdos, com vistas a dar respostas aos desafios que, a cada instante, o meio ambiente nos impõe.

Também não se alegue, como o fazem alguns, que esta concepção discrimine culturas nos diferentes estágios de seu processo civilizatório. Ficou demonstrado que a atitude inteligente, em suas formas superiores, é inerente à natureza do homem, manifestando-se evolutivamente em consonância com seu ambiente,

suas crenças, seus valores, enfim, com a sua cultura. A idéia manifestada por alguns teóricos da literatura, e até mesmo poetas, de que a poesia – por exemplo – é uma arte própria da juventude, não encontra apoio na *práxis* poética de grandes autores como Goethe e tantos outros cujas obras foram se tornando mais densas, mais fortes, à medida em que seus autores iam se tornando mais velhos, mais experientes, sempre apoiados no pensamento reflexivo. A lenda do *Faust*, antes de Goethe, foi tratada por dezenas de autores, alguns com surpreendente engenho, como é o caso do poeta inglês Marlowe, no século XVII, ou o alemão Lessing, no século XVIII. Esses poetas eram todos jovens, dotados de imaginação e espantosa fantasia, qualidades humanas que se confundem com pensamento, segundo John Dewey. Goethe, iniciou o *Doctor Faust*, demonstrando nos esboços iniciais a mais alta imaginação e fantasia que se pode observar na juventude. Todavia, não se deu por satisfeito. Em seus arquivos, foram encontrados vários esboços do drama, em diferentes idades do poeta, todos mostrando uma evolução contínua, a cada nova versão encontrada. Finalmente, depois de trabalhar 60 anos no poema, já aos 83 anos e faltando dois meses para sua morte, o concluiu. O que a análise dessa obra nos mostra é o crescimento da beleza do poema, à medida que Goethe nele trabalhava, enquanto envelhecia. Os originais revelavam, nas diferentes fases de composição da obra, um enriquecimento daquelas qualidades atribuídas à juventude, mas, unidas, agora, a uma força não observada antes: o pensamento reflexivo, que nos grandes poetas, é, também, poesia e beleza. Concluído o poema, Goethe declarou aos amigos haver colocado nele não só a experiência de seus 80 anos de vida, mas o universo inteiro. “*O eterno feminino nos leva para o alto*”, é um dos últimos versos escritos, verso em que ele considerava estarem presentes, graças a reflexão, todas as energias criativas da juventude associadas a anos de experiência acumulada numa vida longa. O próprio Dewey escreveu o seu famoso trabalho “*Knowing*

and Known”. O Conhecimento e o Conhecido aos 92 anos, obra ambiciosa que esboçou uma verdadeira síntese de toda sua produção intelectual anterior. É o componente reflexivo que parece dar às obras da velhice, uma garantia de eternidade. São preguiçosos ou de fôlego curto – talvez influenciados por idéias próprias do romantismo – os que consideram a poesia uma arte própria da juventude, tal como ocorre, por exemplo, em certos tipos de esporte. Se a vida intelectual se confundisse com a vida esportiva, em que as forças físicas, próprias da juventude, são as mais solicitadas, seríamos levados a acreditar que o poeta não utilizaria aquelas forças pelas quais sempre foi reconhecido o seu valor: intuição, pensamento, sentimentos e aptidão para representar, através de palavras, as imagens presentes no espírito, mas as mesmas que se exigiriam de um tenista ou jogador de futebol. Contudo, nas ações espirituais em que se envolve o poeta, as energias físicas são as menos solicitadas. O que leva o homem a realizar grandes obras na poesia, na música, nas artes plásticas são as forças da mente, do intelecto, da fantasia, como a conceituavam os gregos, ou a imaginação, na visão dos latinos. Se dependesse de forças físicas, como poderiam escrever suas obras imortais homens tão enfermos os Dostoiéwski, Proust, Kafka e até o próprio Goethe, que apesar de uma vida tão longa sempre se queixou de má saúde? Não se pode confundir, como foi dito, atividades criativas das estrelas dos esportes com as ações do poeta, do compositor, do artista plástico. Um encerra, compulsoriamente, sua carreira, o outro, não. Um homem de 80 anos pode escrever um poema tão bom ou melhor do que o *Bateau ivre*, mas jamais disputaria com Ayrton Senna uma corrida de F-1, no autódromo de Monza. Na vida intelectual, os exemplos devem ser de outra natureza. Quando o homem é saudável, ao envelhecer, fantasia e imaginação associam-se ao *pensamento reflexivo*, fazendo com que tanto na poesia como em toda e qualquer atividade intelectual torne-se enriquecido pela experiência e por um

humanismo concreto, pleno de sabedoria. Metaforicamente, aqui, poder-se-ia usar o aforismo do grande filósofo e pensador alemão Hegel, segundo o qual “A Ave de Minerva só alça vôo no crepúsculo.”

Quem poria em dúvida John Dewey, quando diz:

*The work of art is thus a challenge to the performance of a like act of evocation and organization, through imagination, on the part of the one who experiences it. It is not just a stimulus to and means of an overt course of action. This fact constitutes the uniqueness of esthetic experience, and this uniqueness is in turn a challenge to thought. It is a particularly a challenge to that systematic thought called philosophy. For esthetic experience is experience in its integrity. Had not the term “pure” been so often abused in philosophic literature, had it not been so often employed to suggest that there is something alloyed, impure, in the very nature of experience and to denote something beyond experience, we might say that esthetic experience is pure experience.*¹³

Como vimos, ao fazer um paralelo entre a atividade artística e a lógica científica, Dewey destaca o papel integrador do conhecimento no qual inteligência, imaginação, fantasia e a própria razão, com todas suas potencialidades, constituem, efetivamente, uma arte. Concluindo estas breves reflexões – mais fragmentárias do que específicas e sistemáticas – diremos que os conceitos Deweyanos de experiência e pensamento reflexivo asseguram “visibilidade” a um processo que afeta tanto o homem comum quanto o poeta, o

¹³ John Dewey. *Art as experience*. Capricorn Books. New York, p. 274, 1958.

cientista e o filósofo. Esse processo que afeta tanto o homem comum quanto o poeta, o cientista e o filósofo, reproduz-se na própria evolução de todo o gênero humano. Em síntese, a metodologia e a lógica Deweyana não são feitas para atender apenas determinados estágios do desenvolvimento científico e tecnológico de algumas culturas. Mas uma proposta que serve, evolutiva e universalmente, ao ser humano, em qualquer fase de seu desenvolvimento histórico.